

RESENHAS

SCLIAR, Moacyr. *A Majestade do Xingu*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Haydée Ribeiro Coelho

Universidade Federal de Minas Gerais

A *Majestade do Xingu*, de Moacyr Scliar, é um texto muito bem construído, podendo ser lido em múltiplas direções. Assinalem-se o caráter biográfico e a encenação da identidade cultural nesse final de século. Os dois aspectos acham-se entrelaçados e a referência a um traz o outro imediatamente. No que se reporta ao conjunto da produção ensaística e literária do autor, é importante ressaltar que o judaísmo como tema; o relacionamento entre Literatura e História, ficção, biografia e medicina, presentes no romance, aparecem em outros escritos: *Judaísmo: dispersão e unidade*; *Sonhos Tropicais* e *A paixão transformada*.

Em *A Majestade do Xingu*, ocorre a ficcionalização da vida de Noel Nutels, narrada por um suposto amigo que está perto e longe ao mesmo tempo do médico

sanitarista. O narrador e Noel Nutels são judeus russos que imigram para o Brasil, cujas imagens seduziam os estrangeiros do outro lado do mar. As diferenças entre os personagens vão sendo traçadas desde o momento da narração da viagem até à chegada dos dois em terras brasileiras.

O contraponto entre o destino de Noel (judeu índio) e o do amigo (judeu comerciante) possibilita o aparecimento de encaixes narrativos; uma multiplicidade de histórias; o enfoque de identidades sob vários olhares e a relativização do conceito de identidade. Na medida em que o romance se desenrola, observa-se que as culturas judaica e brasileira não são abordadas de maneira genérica. Ambas diferenciam-se quanto aos aspectos sócio-econômico e políticos e têm sua complexidade registrada pela História.

O livro, ao focalizar a vida do médico sanitarista, sintetiza variados momentos da História brasileira. A referência à colonização desencadeia, na narrativa, uma versão antropofágica, modificadora do olhar de Anchieta sobre os índios. A vida dramatizada de Noel encontra correspondência com o relato de histórias de luta e de enfrentamento contra posseiros e grileiros em defesa dos índios.

Através do romance, Moacyr Scliar mostra que o destino de Noel e o de muitos dos judeus estão ligados ao processo de imigração brasileiro. Pode-se observar que os judeus não só participam da História brasileira como também dela fazem parte. Nesse sentido, a encenação da identidade judaica propicia o aparecimento do Brasil urbano, do Brasil rural, do Brasil indígena e do Brasil dos imigrantes.

A relativização do conceito de identidade encontra sua contrapartida no questionamento da “língua pura”, contaminada pela incorporação de termos ligados à cultura judaica e pela linguagem antropofágica do narrador. A tensão entre a escrita

e a oralidade, estudada por Angel Rama, no contexto latino-americano, torna-se um ponto fundamental para a discussão sobre a identidade no romance.

A Majestade do Xingu, ao abordar a trajetória de Noel e do narrador encena a travessia da escrita e de processos culturais, marcados pelo encontro de várias culturas, com suas especificidades de classe, de gênero e de etnia. No âmbito da linguagem, a palavra desterritorializada, reterritorializa, conforme as considerações de Gilles Deleuze e de Félix Gattarri, em relação à literatura de Franz Kafka.

A ironia, presente em todo o texto é mantida até à sua conclusão final. Assim, o amigo comerciante, para homenagear Noel Nutels, *post-mortem*, pensa em transferir seu estabelecimento comercial de Bom Retiro para a selva amazônica, denominando-o de “A Majestade do Xingu”. Dessa forma, poderia integrar os índios ao consumo.

Segundo o narrador,

À Majestade do Xingu eu dedicaria os últimos anos de minha vida; seria uma missão que justificaria minha passagem

sobre a terra. Uma obra com sólidas bases. E mesmo que não tivesse bases sólidas, mesmo que fosse construída sobre um antigo cemitério indígena, sobre areia impregnada de ectoplasma- que importância teria? Que entrasse no encanamento (sic), os espectros dos índios mortos, e depois na loja. Que penetrassem no recinto sagrado do consumo, aquele recinto onde a vaidade nunca se acaba. Seriam bem-vindos, seriam até considerados atração adicional, receberiam descontos extra nas vendas a vista e cupons para concorrer ao sorteio de automóveis zero quilômetro. Na *Majestade do Xingu* haveria lugar para o real e para o imaginário. A conjugação perfeita do prático e do mítico. (p.208-209)

Com ironia e humor, Moacyr Scliar oferece-nos lições de escrita sobre identidade cultural, sobre memória e sobre biografia. Propicia refletir também sobre os paradigmas da escrita ficcional biográfica, tendo em vista os múltiplos processos culturais.

Através da fragmentação discursiva, Moacyr Scliar faz explodir, pela linguagem, o “contínuum” da História. A *Majestade do Xingu*, ao entrelaçar o destino de judeus à cultura brasileira, torna-se uma referência obrigatória para o entendimento de nossa identidade cultural no fim do milênio.